

ENTRE O DISCURSO RELIGIOSO E O DISCURSO JORNALÍSTICO

Por uma análise da mídia impressa religiosa

Entre le discours religieux et le discours journalistique: par une analyse de la presse écrite religieuse

Wellton da Silva de FATIMA¹

RESUMO: Este artigo objetiva analisar a relação entre religiosidade e jornalismo, em uma perspectiva discursiva, no jornal *Folha Universal da Igreja Universal do Reino de Deus*. A partir dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso francesa, mais especificamente aquela inaugurada a partir dos estudos de Pêcheux (1969 [2014]), buscamos empreender uma leitura crítica sobre alguns processos discursivos do folheto, considerando o funcionamento do discurso religioso (ORLANDI, 1987; 2007) e a inserção do discurso jornalístico (MARIANI, 1996) na produção dos sentidos formulados no interior do jornal e que circulam a partir de sua distribuição.

PALAVRAS-CHAVE: discurso religioso; discurso jornalístico; Igreja Universal.

RÉSUMÉ: Cet article vise à analyser la relation entre la religiosité et le journalisme, dans une perspective discursive, dans le journal *Folha Universal de l'Igreja Universal do Reino de Deus*. À partir des hypothèses de l'Analyse du discours française, de Pêcheux (1969 [2014]), nous cherchons à faire une lecture critique de certains discours du livret, attendu le fonctionnement du discours religieux (ORLANDI, 1987, 2007) et l'insertion de discours journalistique (MARIANI, 1996), dans la production de significations formulées dans le journal et qui circulent de sa distribution.

MOTS-CLÉS: discours religieux; discours journalistique; Igreja Universal.

1 Mestre em Estudos da Linguagem/UFF – Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS) – Professor de Língua Portuguesa/Tanguá-RJ. Contato: malcon.welton1@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo surge como desdobramento de nossa dissertação de mestrado, defendida no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal Fluminense, por meio do Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS). A inquietação que aqui nos traz, deriva da já pungente relação entre o discurso religioso e o discurso jornalístico – e da imbricação que aí se produz – no jornal *Folha Universal da Igreja Universal do Reino de Deus*.

Temos compreendido (cf FATIMA, 2018) que a relação discursiva entre o aspecto jornalístico e o aspecto religioso produz efeitos de sentidos específicos na relação entre sujeitos, em suas posições, no que se refere ao nosso objeto. Para verificar tal impressão, elencamos uma edição inteira do jornal para análise. Trata-se da edição 1355, que circulou em março de 2018, a partir da qual observamos também a disposição gráfica, incluindo-se o aspecto não-verbal² e, mais especificamente, as sequências discursivas recortadas da coluna *Projeto Intellimen*, sobre a qual falaremos adiante.

Ancoramo-nos, para tanto análise, nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso inaugurada a partir dos estudos de Pêcheux (1969 [2014]; 1975 [1995]), e desenvolvida, sobretudo, por Orlandi (2007; 2013) e Mariani (1996). Por meio da citada teoria, procedemos a uma análise dos processos discursivos materializados nas páginas do jornal que, por sua vez, permitem observar a sobreposição do discurso jornalístico e do discurso religioso, bem como os efeitos de sentido que dessa sobreposição decorrem.

Uma de nossas perguntas, exclusivamente para este trabalho, é: o efeito de verdade que se constitui pelas páginas do jornal na leitura hegemônica feita pelo sujeito/fiel/leitor encontra sua legitimação pelo jornalístico ou pelo religioso? Isto é, fala, nas páginas do jornal, a voz do especialista (MARIANI, 1996) ou

2 Referimo-nos aqui à disposição gráfico-imagética que funciona no jornalismo impresso: fontes maiores ou menores a depender do destaque que quer se dar a determinada coisa, o funcionamento do olho, o uso de cores para destacar determinados trechos, entre outras coisas.

funciona a onipotência do silêncio divino (ORLANDI, 2007), presentificando-se a voz de Deus? (ORLANDI, 1987).

Para tentar responder a essas e outras questões que a partir da análise do *corpus* foram se colocando-nos, além desta introdução, procedemos à seguinte divisão para este artigo: comentamos, em linhas gerais, os pressupostos teóricos da disciplina de entremeio (ORLANDI, 2013) que nos ancora; logo após, explicitamos os nossos procedimentos de análise, ou seja, a construção do dispositivo teórico necessário para o que aqui se pretende; em seguida, tecemos algumas reflexões importantes acerca do nosso objeto; procedemos às análises conforme a teoria e o dispositivo construído; e, por fim, fazemos algumas considerações finais.

2. SOBRE A TEORIA QUE NOS ANCORA

A Análise do Discurso surge na década de 1960, na França, propondo diversas rupturas com as abordagens de tratamento textual que vigoravam até então. A Análise do Discurso diferencia-se de outras disciplinas de interpretação ao deslocar a pergunta básica de interrogação do sentido do texto de 'o que esse texto quer dizer?' para 'como funciona este fragmento de linguagem?'. De acordo com Mariani (1996)

A AD se propõe a discutir e a definir a linguagem e a natureza da relação que se estabelece com a exterioridade, tendo em vista seu objetivo principal de compreender os modos de determinação histórica dos processos de produção dos sentidos na perspectiva de uma semântica de cunho materialista. (MARIANI, 1996, p. 21)

Isso porque a supracitada disciplina trabalha as relações e as tensões entre a língua, a história e um sujeito de natureza psicanalítica. Ainda de acordo com a autora:

[...] o fundador da AD, Michel Pêcheux, propôs articular três regiões do saber: o materialismo histórico, enquanto teoria das formações sociais e suas transformações; a linguística, enquanto teoria dos processos não subjetivos de enunciação e a teoria do

discurso, como teoria histórica dos processos semânticos. Essas três regiões, ainda de acordo com Pêcheux, são atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica. (MARIANI, 1996, p. 22-23)

É a partir dessa proposta teórica que se busca romper com tradições, por exemplo, como a da Análise de Conteúdo, que pressupõe haver um sentido inequívoco a partir do conteúdo do texto. Acreditava-se, portanto, na transparência da linguagem, isto é: pelos pressupostos dessa teoria que vigorava dentre as ciências humanas e sociais era possível crer no atravessamento de um texto para se chegar ao seu sentido, desconsiderando-se em grande parte o funcionamento da ideologia e a inserção de um sujeito em suas relações com a língua, com a própria ideologia e com o inconsciente.

A respeito dessa e de outras tradições contra as quais a Análise do Discurso se posiciona, Pêcheux (2014 [1969]), em tom de crítica, afirma que

[...] estudar uma língua era, na maior parte das vezes, estudar *textos*, e colocar a seu respeito questões de natureza variada provenientes, ao mesmo tempo, da prática escolar que ainda é chamada de compreensão de texto, e da atividade do *gramático* sob modalidades normativas ou descritivas. (PÊCHEUX, 2014 [1969], p. 59)

Observando, dessa forma, a língua em sua relação com a exterioridade, a Análise do Discurso trabalha (n)as tensões que se estabelecem entre – e nas intersecções – (d)as disciplinas sobre cujos aparatos se assenta. Desse modo, podemos nos remeter às formulações de Orlandi (2013), afirmando o seguinte:

Em uma proposta em que o político e o simbólico se confrontam, essa nova forma de conhecimento coloca questões para a Linguística, interpelando-a pela historicidade que ela apaga, do mesmo modo que coloca questões para as Ciências Sociais, interrogando a transparência da linguagem sobre a qual elas se assentam. Dessa maneira, os estudos discursivos visam pensar o sentido dimensionado no tempo e no espaço das práticas do homem, descentrando a noção de sujeito e relativizando a autonomia do objeto da Linguística. (ORLANDI, 2013, p. 16)

Assim, nos é cara a observação das formas como a ideologia se insere materialmente enquanto discurso. Este último sendo definido como “efeitos de sentidos (e não transmissão de informação) entre os interlocutores” (PÊCHEUX,

2014 [1969], p. 82), coloca uma especificidade para os adeptos da análise de discurso pecheutiana: é nas relações entre os sujeitos – mais especificamente nos sentidos que se constituem entre eles – que se encontra o espaço privilegiado para se observar o funcionamento da ideologia.

A ideologia para nós não se configura, tal como se poderia supor a partir do senso comum, como uma ocultação ou mascaramento da realidade. De acordo com Orlandi (2013, p. 47) “[...] a ideologia não é ocultação mas função da relação necessária entre linguagem e mundo”. Desse modo, temos considerado que, no que tange à relação com a língua – e mais especificamente a inscrição do sentido em sua ordem –, “as palavras recebem seus sentidos de formações discursivas em suas relações” (ORLANDI, 2013, p. 47).

As formações discursivas, portanto, relacionam-se, no espaço amplo da formação social, possibilitando que sentidos se tensionem e posições-sujeito se (re)formatem. Tal conceito pode ser compreendido como “[...] aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo espaço da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito [...]” (PÊCHEUX, 1995 [1975], p. 160).

A partir disso, possibilita-se a compreensão da existência de determinados domínios do saber, como o discurso religioso, por exemplo, e o potencial de atravessamento desses domínios por funcionamentos outros, como o discurso jornalístico.

As formações discursivas, por serem compreendidas como regiões de um determinado saber, guardam fortes relações com o funcionamento da ideologia. Mais especificamente, com os funcionamentos locais da ideologia, isto é, levando-se em conta as mais diversas instâncias das ideologias e das práticas – discursivas, inclusive – inerentes a elas.

Pêcheux (1995 [1975]), referindo-se à concretude pela qual se apresentam as ideologias, compreende que

[...] a instância ideológica existe sob a forma de *formações ideológicas* [...] que, ao mesmo tempo, possuem um caráter 'regional' e comportam posições de classe: os 'objetos' ideológicos são sempre fornecidos ao mesmo tempo que a 'maneira de se servir deles' – seu sentido [...] (PÊCHEUX, 1995 [1975], p. 145)

Os objetos ideológicos, inscritos em uma determinada formação ideológica e materializados em uma formação discursiva, surgem, desse modo, como objetos divididos, já que a investidura de sentido que neles possa ocorrer, será sempre uma investidura dada nas/pelas condições de produção.

Deste modo, torna-se possível observar fatos de linguagem que possibilitem a demonstração de como, em uma determinada formação ideológica e a partir de uma determinada formação discursiva, delimitando-se pelas condições de produção, algo pode ser dito – e lido – de uma maneira e não de outra. E, mais do que isso, como formas de linguagem se imbricam e possibilitam que a significação se dê em uma determinada direção e não em outra.

De acordo com Orlandi (2013), nossa formação social está impregnada pelas relações de força, que derivam das relações de classe (aqui anteriormente citadas) e, em virtude disso, faz comparecer a possibilidade de projeção – às vezes fixação – sobre posições na formação social.

Tais posições que são ocupadas por sujeitos, mas também por instituições – reguladas por e para sujeitos –, por estarem revestidas de um aspecto simbólico, configuram-se pela possibilidade de projeção de uma imagem e, conseqüentemente, da constituição de um imaginário.

Esse fato se dá pelo mecanismo das antecipações, pelas quais se podem depreender as formações imaginárias que funcionam, pelos efeitos de sentido que se constituem entre os sujeitos em suas posições, discursivamente, produzindo e permitindo a circulação de dizeres de maneira mais ou menos estabilizada.

De acordo com Mariani (1996), “O imaginário é, então, esse dizer já colocado interdiscursivamente, uma espécie de 'reservatório' de sentidos para o sujeito. Mas nessa relação do sujeito com o dizível, o imaginário atua na ilusão subjetiva que o faz ser a origem e a fonte do dizer.” (MARIANI, 1996, p. 33).

É a partir deste formulado teórico, então, que problematizamos não somente a produção do sentido na imbricação entre jornalismo e religiosidade no jornal *Folha Universal*, mas também teorizamos acerca da leitura que se faz dos

dizeres que ali se formulam, a partir de uma determinada posição-sujeito afetada pela ideologia e mediada pelas condições de produção do discurso.

3. DOS PROCEDIMENTOS

Para os propósitos a que se destina o presente artigo, selecionamos uma edição completa do jornal *Folha Universal* para analisar. A edição 1355 é uma edição recente e nela consta a coluna *Projeto Intellimen*, um de nossos interesses temáticos.

Tal coluna é direcionada para pessoas do gênero masculino que, em uma história recente, tem sido a minoria entre os fiéis das igrejas evangélicas, embora sejam ainda a maioria dos cargos de direção e comando dessas mesmas igrejas. A coluna, já em sua nomenclatura, opera discursivamente em direção não somente a homens quaisquer, mas para aqueles cuja ambição necessite de um projeto e que, ainda, envolva-se inteligência.

A justificativa da escolha dessa coluna se dá por um interesse nosso mais amplo: os modos de significar o gênero e a sexualidade na mídia impressa neopentecostal (FATIMA, 2017; 2018) e, mais recentemente, os modos como se diz especificamente para cada gênero. Nossa ênfase, aqui, no entanto, é mais especificamente nos processos discursivos que decorrem da relação entre o discurso jornalístico e o discurso religioso e, também, os mecanismos que se engendram nessa relação.

Desse modo, recortamos (ORLANDI, 1984) tal coluna pela temática e, posteriormente, recortamos as sequências discursivas (COURTINE, 2014) desta matéria e, finalmente, produzimos um *corpus*.

Sobre esse *corpus*, operacionalizamos conceitos e noções anteriormente descritas, de acordo com o terreno no qual se assenta a Análise do Discurso, tentando responder a algumas questões que foram surgindo no momento mesmo da construção e delimitação do *corpus* analítico.

4. REFLEXÕES ACERCA DO OBJETO

A *Igreja Universal do Reino de Deus* chegou ao Brasil na década de 1970, pelo seu até hoje maior nome o Bispo Edir Macedo. Embalada por movimentos religiosos em alta na América Protestante, a *Universal* é comumente relacionada ao que tem se convencido chamar *neopentecostalismo*.

Esse movimento religioso se configura como mais um das ondas do protestantismo e guarda algumas relações e, sobretudo, diferenças em relação à *Igreja Católica*, às igrejas protestantes tradicionais e também às igrejas pentecostais. Marcam-se as neopentecostais, por sua proximidade com a *Teologia da Prosperidade*.

Mais do que as igrejas neopentecostais apenas, o próprio segmento religioso cristão protestante, desde seu surgimento, guarda fortes relações com as mídias. Uma de suas principais prerrogativas é “levar a toda criatura” a palavra do evangelho³. Como característica específica, as igrejas protestantes, e mais fortemente as neopentecostais, compreendem que a palavra do evangelho pode ser potencializada pelas mídias televisivas, radiofônicas, impressas, etc.

A igreja *Universal*, por exemplo, é detentora dos direitos sobre a *Rede Aleluia*, um empreendimento midiático que gerencia canais de televisão, de rádio e, o mais importante para nós, o jornal *Folha Universal*.

O supracitado jornal, que é semanal, está em circulação, ininterruptamente, desde 1992 e atualmente possui uma tiragem de mais de 2 milhões de exemplares, servindo como material evangelístico nas ruas, nos presídios, etc. Além do conteúdo religioso, o jornal aborda também atualidades e, sob seu ponto de vista, enuncia questões dos mais diversos domínios: esporte, comportamento, conflitos internacionais, etc.

Daí a necessidade de se investigar teoricamente, para os objetivos que aqui elencamos, o jornal *Folha Universal*. Nos termos tratados por Mariani (1996), o jornal, ao colocar o mundo como objeto, caracteriza o discurso jornalístico,

3 É por essa relação com o evangelho que surge e comumente se convencionou chamar aos adeptos deste segmento religioso de “evangélicos”.

sendo um discurso autoritário já que, por meio dele, fala a voz do especialista, aquele que detém a informação e informa àqueles que não sabem. Sendo, sua voz, portanto, uma voz de autoridade.

Por outro lado, nos termos tratados por Orlandi (1987), no jornal também fala a voz de Deus, já que em diversos momentos o caráter religioso se presentifica: pelas citações bíblicas; pelos enunciados assinados pelos bispos da igreja; por analogias de narrativas bíblicas e religiosas conhecidas; etc. Ainda sobre o que diz Orlandi (2007), o que “funciona na religião é a onipotência do silêncio divino” (ORLANDI, 2007, p. 28), e no jornal isso fica fortemente marcado, à medida que se percebe uma direção semântica própria do jornal na interpretação, por exemplo, da “vontade de Deus”.

Especificamente tratando sobre a edição 1355, sobre a qual, em minúcias, está detida nossa análise, há na capa a chamada de uma matéria chama “Pornografia na mira” que traz uma série de denúncias sobre a temática. No decorrer das páginas, diversos assuntos vão sendo tratados. Diretrizes para o comportamento feminino, análises históricas de personagens bíblicas, direito, saúde, famílias, diversas outras coisas e, uma matéria intitulada “O sucesso em uma única lição”, na coluna *Projeto Intellimen: formando homens melhores*.

A coluna *Projeto Intellimen* é, como dissemos, voltada para homens e tem forte apelo empreendedor entrelaçado ao religioso. Em termos discursivos, e remetendo a esse entrelace, o *didatismo* (MARIANI, 1996) fica marcado já de saída, ao tratar do sucesso por meio de uma “única lição”. Nesta, edição, portanto, a coluna objetiva fazer com que se público *aprenda* a ter *sucesso* em apenas uma *lição* proferida por um *palestrante* em um encontro presencial do projeto em uma unidade da *Igreja Universal do Reino de Deus*.

Tendo feito algumas considerações importantes, passemos às nossas análises.

5. As análises

Sejam, então, as seguintes SD⁴ recortadas da coluna do jornal:

SD1 - Ao avaliar os mapas que mostravam os territórios de domínio babilônico, o imperador Dario percebeu que a tarefa de administrar todo aquele espaço não seria fácil. Então, decidiu nomear três presidentes – que seriam auxiliados por 120 príncipes espalhados por todo o reino – para ajudá-lo nesse desafio.

SD2 - Daniel, que era hebreu, fazia parte do grupo de presidentes. Por ser mais inteligente e ter um espírito excelente, Daniel se destacou – de tal modo que Dario resolveu colocá-lo como presidente geral. Isso despertou a inveja nos demais administradores e eles tramaram uma maneira de derrubá-lo.

Nas SD supratranscritas, mais estritamente em SD1, o que há na superfície linguística é a introdução de uma narrativa que se pode remeter ao domínio das narrativas tipicamente histórico-religiosas. Tal fato se confirma pela seleção vocabular, que grafa elementos como a “Babilônia”, um “imperador”, “príncipes”, etc.

Notadamente em se tratando do funcionamento de tal narrativa, percebe-se que o jornal, através de seu colunista, projeta a imagem de um leitor que (re)conhece tal narrativa e, por isso, estrutura-se o fato ali relatado a partir de uma analogia entre a história mesma (re)conhecida e aquela outra, ainda a ser apresentada, cujo conteúdo quer-se que se conheça.

O fato da imagem de ciência – no sentido de estar ciente – do leitor a respeito da história narrada se confirma, por exemplo, pela não utilização de apostos ou orações subordinadas adjetivas que, de algum modo, expliquem quem é Dario. E, de outro modo, há essa confirmação, ao utilizar-se um artigo definido para determinar “mapas” os quais se referem ao território babilônico. Tais usos de linguagem demonstram que o jornal acredita – ao passo que se referenda esta posição-sujeito – que o leitor da coluna em questão sabe sobre o que se está falando.

A ausência de mecanismos explicativos de linguagem e, por contraste, a presença de determinantes definidos atua na direção de sentidos que se projeta para o sujeito/fiel/leitor. Este último, identificado com uma formação discursiva

4 Abreviação de sequências discursivas

religiosa está, portanto, predisposto ideologicamente a ler o que ali se formula como um *bom sujeito*.

Essa projeção de um leitor que “sabe a respeito do que se fala” não é ideologicamente neutra, já que a coluna do *Projeto Intellimen* se constitui de matérias cujo público-alvo são os homens. Por contraste, e pensando em trabalhos anteriores (FATIMA, 2015), ao analisarmos o funcionamento discursivo da coluna *Folha Mulher*, desse mesmo jornal, compreendemos que esse é um efeito produzido neste recorte, isto é, neste fragmento correlacionado de linguagem-e-situação (ORLANDI, 1984, p.14).

Em SD2, no entanto, as explicativas já começam a aparecer sob a forma de uma oração adjetiva, o funcionamento discursivo dela, entretanto, atua de outro modo. Já dentro da ilusão referencial de que seu leitor conhece o assunto de que se está tratando, o jornal explica quem é esse personagem novo – Daniel – de modo a familiarizar o leitor sobre esse elemento sobre o que se dissertará.

Cabe, então, confrontar esses dois funcionamentos. Em um dos momentos, as explicativas não comparecem, pois, caso comparecessem, a imagem do leitor que se projetaria seria de alguém não identificado com os dizeres ali formulados, já que necessita de explicações prévias para isso do que se está tratando. Em outro momento, o segundo, a explicação pode comparecer, já que, estando imerso no processo de identificação que mantém a ilusão de um fio narrativo, o jornal pode oferecer ao leitor isso a que Mariani (1996), analisando o discurso jornalístico, chamou *didatismo*.

Em relação a isso, observemos mais duas sequências discursivas:

SD3 - Eles tentaram encontrar algo para incriminá-lo, mas não tiveram sucesso. A saída foi inventar alguma lei que atacasse a fé de Daniel, que era fiel a Deus. Eles conseguiram fazer que Dario aprovasse um decreto que, de maneira indireta, proibisse Daniel de orar ao Altíssimo por um prazo de 30 dias. Mesmo sabendo da nova lei, o hebreu continuou com as orações. Então, a punição logo veio: apesar de o rei ter procurado maneiras de livrar Daniel, ele teve de ser jogado na cova dos leões.

SD4 - *Talvez você esteja se perguntando: ‘o que essa história tem a ver com minha vida?’ Se buscar a Bíblia e continuar a leitura descrita no livro de Daniel, capítulo 6, verá que o profeta foi livrado dos leões e sobreviveu. Além disso, o imperador Dario reconheceu o poder do Deus de Israel. Daniel era um “homem de oração” e esse hábito era seu segredo para ser uma pessoa tão bem-sucedida na vida.*

Nas SD acima, materializa-se o prosseguimento de uma analogia pela qual está estruturada toda a matéria, desvelando o propósito para o qual se destina a coluna: o convencimento do leitor sobre um determinado tema. Isso coloca, para nós, um questionamento sobre os limites entre o aspecto narrativo e o argumentativo, em termos discursivos. Deixemos, pois, esse questionamento para as considerações finais, e retornemos à ordem da língua que se constrói em SD3.

O que se projeta, a partir dessa SD, é a imagem de Daniel, por quem se metonimiza a figura de outros fiéis – o que se justifica pela inserção de uma oração adjetiva “que era fiel a Deus” –, como alguém que é perseguido, constantemente atacado, que apresenta resistência em prol da sua fé e que, por fim, é severamente punido por conta disso. O efeito de verdade, nesta SD, deriva predominantemente do discurso religioso, apelando para uma história de perseguições sofridas, que ocorreram em determinado momento da história e em determinados contextos geográficos, pelos cristãos. Tal fato é fortemente presente, como analogia, em relação aos sofrimentos e perseguições contemporâneas que alguém possa sofrer.

No entanto, funciona, também, em SD3, uma propriedade do discurso jornalístico à qual Mariani (1996) chamou *didatismo*. Tratam-se de certos atributos do funcionamento de fatos de linguagem comuns ao domínio da imprensa que, ao colocar o mundo como objeto⁵, fazem-no a partir de esquemas, definições, explicações.

Tal didatismo comparece, por exemplo, em determinados procedimentos de coesão referencial que, além de produzir retomadas, produzem, também, explicações, trazendo informações novas, para o leitor. Como em “ao Altíssimo”, o ‘hebreu”, etc. Além disso, a utilização de informações precisas de tempo, como

5 Tal definição é de Mariani (1996) ao analisar o modo como o comunismo era significado na/pela mídia impressa política carioca em parte do século XX.

“prazo de 30 dias” também atuam na constituição do didatismo o que, por sua vez, corrobora o sentido de verdade que vai se construindo nas páginas do jornal. Isso nos leva à compreensão de que apesar da dominância do discurso religioso na constituição do efeito de verdade ali produzido, há forte atravessamento do discurso jornalístico em sua constituição.

Já em SD4, chamamos a atenção para dois processos discursivos que, conjuntamente, constituem-se: o primeiro deles é a continuidade do supracitado didatismo contido no enunciado “o que esta história tem a ver com a minha vida?”. Seguindo-se tal enunciado de uma explicação, o jornal direciona, a partir da didatização, para o sujeito/fiel/leitor a compreensão que se deve ter daquilo que se lê. Tal procedimento faz com que a polissemia – sempre possível de se inscrever – se estanque, dando uma direção mais precisa para o sentido. Em termos de tipologia, nesse tipo de funcionamento, Orlandi (1987) afirma haver um discurso autoritário.

O segundo procedimento discursivo que se constitui, é a projeção de um processo de identificação da história narrada para com o sujeito/fiel/leitor. Tal processo de identificação perpassa todas as SD por meio do funcionamento discursivo da analogia. Todavia, em SD4, aliada ao didatismo, a analogia se materializa em um efeito específico: fazer com que o sujeito/fiel/leitor se reconheça na história mesma ali narrada. Desse modo, ainda que o leitor tenha se sentido, tal como ocorre em SD3, atacado, perseguido, etc. em SD4, ele “se livra” e “sobrevive”. Insurge-se uma história de superação comum a todos para quem ali se fala.

É necessário salientar que, tendo se estabelecido um processo de identificação do sujeito/fiel/leitor, por meio de sua história pessoal, com a história que se narra na matéria, algumas simetrias vão sendo, discursivamente, trabalhadas no jogo das formações imaginárias: em Daniel projeta-se, imaginariamente, o sujeito/fiel/leitor como equivalente; logo, independentemente dos ataques, das proibições, das perseguições, se o sujeito/fiel/leitor é, tal como Daniel, um ‘homem de oração’, ele sobreviverá. Marca-se aí, novamente, uma forte predominância do discurso religioso.

Observemos as próximas sequências discursivas:

SD5 - O palestrante Renato Cardoso falou da importância desse hábito de Daniel durante o encontro mensal exclusivo para homens que ocorreu no Templo de Salomão, na capital paulista, no dia 11 de março: ‘o ser humano criou rezas, rituais, preces, mas a oração foi criada por Deus como um canal de comunicação entre nós e Ele. Daniel tinha esse costume de dobrar os joelhos três vezes ao dia e orar em direção a Jerusalém. Ali estava o segredo de Daniel, o segredo do seu espírito de excelência. Seus adversários usaram a mentira, arrumaram um decreto, uma lei, só para prejudicá-lo. Entretanto, graças à vida de oração de Daniel, aquilo que seus inimigos fizeram se voltou contra eles mesmos. Tudo porque ele tinha uma vida de justiça e de oração com Deus’.

SD6 - A melhor parte é que você também pode ser uma pessoa de sucesso, como Daniel. Basta que também se torne um “homem de oração”.

A partir de SD5, em comparação com as SD anteriores, há um novo movimento no que se refere ao processo discursivo: se antes a narrativa histórico-religiosa prevalecia, agora os enunciados parecem assumir um caráter mais direto, apesar da continuidade do desenvolvimento da analogia enunciada, também, pela voz do palestrante.

Nessa sequência discursiva, o público-alvo da coluna, bem como de outras ações da *Igreja Universal do Reino de Deus*, fica explicitado. Outro aspecto importante, é o proselitismo religioso que se materializa pela necessidade de se diferenciar de outras religiões e, até mesmo, de outras denominações religiosas dentro das próprias igrejas evangélicas.

Rodrigues (2002), ao analisar a forma como se constitui a *Igreja Universal*, aponta o projeto de poder, para além do religioso, cultivado pela igreja. Em trabalhos anteriores (FATIMA, 2018) demonstramos os efeitos discursivos de tal inserção. Os efeitos de sentido decorrentes de tal projeto de poder, comparecem em SD5 ao, sub-repticiamente, sugerir-se que “rezas” e “preces” não funcionam. Apenas orações.

Em SD6, ocorre, em termos discursivos, um deslizamento de sentido que se constitui a partir da maneira como o efeito metafórico (PÊCHEUX, 2014 [1969]) se dá. Trata-se da aproximação entre ser um “homem de oração” e obter “sucesso”.

Religiosidade e negócios ganham uma dimensão de proximidade nessa sequência discursiva. Isso é possível, pela subsunção da *Igreja Universal* à teologia da prosperidade. Tal fenômeno se dá em virtude de “mutações vivenciadas no espaço da sociedade capitalista contemporânea”, pelos quais “os fenômenos da religião se renovam, reestruturam-se, reconfiguram-se a fim de atenderem demandas sociais e se manterem no disputado locus do mercado religioso.” (RODRIGUES, 2002, p. 13).

Inserir-se, portanto, na discursividade religiosa, um elemento ideológico que modifica o funcionamento do *misticismo* (ORLANDI, 1987). A teologia da prosperidade pressupõe que a fé é elemento necessário para que se tenha abundância – financeira, principalmente, na vida terrena. Posta a citada relação entre a necessidade do sucesso – em uma perspectiva empreendedora, de negócios – e o misticismo religioso, o aspecto jornalístico se insere na produção de um efeito de verdade sobre *como* conseguir proceder a tal sucesso, já que, da fé, que caracteriza a religiosidade, o sujeito/fiel/leitor, identificado com essa formação discursiva, já dispõe.

Vejamos como isso se desdobra na próxima SD:

SD7 - “Tudo o que temos de fazer está ao nosso alcance. Podemos fazer tudo o que Daniel fez. Você também pode se tornar essa pessoa de oração. O que você precisa é vencer as ideias de orgulho, a preguiça, as experiências passadas em que a oração não deu certo, entre outros motivos que lhe impedem de orar. A convivência com Deus vem quando você separa um tempo para Ele, como um hábito do dia a dia. Mesmo que você seja muito atarefado, aliás, principalmente se você for muito atarefado”, concluiu.

Sela-se a analogia pela investida do didatismo em SD7. Tal investida não se dá de qualquer modo, mas por meio do que se convencionou chamar discurso direto, no qual predomina, ainda, uma função apelativa da linguagem que se marca pelo uso da primeira pessoa em direção à segunda pessoa do discurso.

Finalmente, o jornal, por meio de seu colunista, diz o passo a passo para o sucesso.

Entremeia-se elementos como “orar”, “convivência com Deus” a elementos como “vencer a preguiça”, “hábitos do dia a dia”, “tempo” de alguém “muito atarefado”, etc. Isto é, aliam-se, pelo efeito discursivo da analogia – que, por sua vez, funciona pelo didatismo esquemático – o religioso e o mercadológico. Este último, carente de técnicas e procedimentos concretos para os quais, a despeito do funcionamento do religioso – metafísico e, por isso, às vezes, inexplicável – o jornal oferece solução.

Fecha-se, circularmente, um ciclo de colaboração mútua: o religioso está aliado ao domínio do empreendedorismo para se tornar mais objetivo; o empreendedorismo carece de técnicas e procedimentos para se inserir discursivamente como possível; o jornal oferece, a partir do funcionamento do discurso jornalístico, esquemas, explicações, etc. por meio do didatismo. A isso, ao analisar o discurso pedagógico, Orlandi (1987) chamou *circularidade*.

6. BREVES CONSIDERAÇÕES

Buscando um efeito de fechamento para este artigo, procedemos a algumas considerações pertinentes a partir das análises que fizemos.

Retomando a pergunta de pesquisa que conduziu nosso trabalho, é possível afirmar que os efeitos de verdade que se constituem na relação entre o jornal, através de sua coluna, e o sujeito/fiel/leitor, projetado imaginariamente pelos enunciados do jornal, não decorrem nem do discurso religioso, nem do discurso jornalístico, mas de um processo complexo e contraditório em que se interpõem ambas as modalidades de discurso tensionadas às condições de produção que colocam em circulação a forma atual do discurso religioso da *Igreja Universal* e também de um certo modo de se fazer jornalismo.

Os limites entre o narrativo e o argumentativo se estilhaçam, demonstrando que, sob o funcionamento da ideologia, contar uma história e tentar convencer o leitor se entrelaçam, atuando conjuntamente no discurso, produzindo seus efeitos.

Além de nos ajudar a compreender o modo como funciona a relação entre o jornalístico e o religioso, este artigo também nos ajudou na compreensão – a abre possibilidade para pesquisas futuras – da forma como os sentidos são direcionados quando o público-alvo é masculino. O fato de o homem, estritamente, ser inserido no discurso como aquele que sabe do que para ele se fala, é algo que, sem dúvidas, colabora com nossas investigações em aspectos mais amplos.

Vale ressaltar, também, que o didatismo não se resumiu, em nossas análises, ao funcionamento puramente linguístico. O funcionamento do olho, elemento gráfico da mídia impressa, atuou fortemente na projeção de dizeres como “Daniel se destacou dos outros presidentes porque tinha um espírito excelente”, demonstrando, de uma só vez, a presença do empreendedorismo e da religiosidade a partir dos elementos “destaque” e “espírito”, respectivamente, em sua inserção discursiva.

Por fim, entre o discurso religioso e o discurso jornalístico, os efeitos de sentido são produzidos de maneira contraditoriamente tensa. No entremeio dessa relação, desenrola-se de forma sofisticada, uma prática discursiva atravessada por funcionamentos já engendrados por discursos e práticas estabelecidas e mais ou menos estabilizadas.

Resta dizer que, buscando trabalhar os limites da nossa inserção enquanto sujeitos-analistas – e, por isso, também sujeitos à ideologia –, ressaltamos que esta é uma análise dentre outras possíveis que busca responder uma pergunta dentre muitas possíveis. Acenamos, ainda, para o caráter sempre incompleto da linguagem – também do sentido e do sujeito – e para a necessidade de se visitar constantemente o fazer científico, em busca, sempre, de respostas para as inquietações contemporâneas de nossa formação social.

REFERÊNCIAS

COURTINE, J.-J. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EDUSFScar, 2014.

FATIMA, W da S. de. **As sexualidades mal ditas no discurso religioso neopentecostal**. Dissertação de mestrado: Niterói: UFF, 2018.

_____. **Imaginário sobre corpos desviados no jornal *Folha Universal***. Revista Alpha, v. 18, p. 100-117, 2017.

MARIANI, B. S. C. **O comunismo imaginário**: praticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989). Campinas: Unicamp, 1996.

ORLANDI, E. P. – **A Linguagem e Seu Funcionamento**: as formas do discurso. 2 aed. Pontes. Campinas, 1987.

_____. **Análise De Discurso: Princípios e Procedimentos**, 11 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

_____. **As formas do Silêncio**: no movimento dos sentidos. 6a ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

_____. **Segmentar ou recortar?** *In Linguística: questões e controvérsias*. Uberaba: FIU, 1984.

PÊCHEUX, M. **Análise automática do discurso** (AAD-69). In: GADET, F. e HAK, T. (Org.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux, Editora da Unicamp, 2014 [1969].

_____. **Semântica e discurso**: uma crítica a afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1995 [1975].

RODRIGUES, K. F. **Vida e vida com abundância**: teologia da prosperidade, sagrado e mercado. Recife UFPE, 2002.